

## O Fim do Princípio do Fim de ...

**Rui Torres**

*Universidade Fernando Pessoa*

**Resumo:** Partindo de uma reflexão acerca do modo como as travessias entre oralidade e escrita se reconfiguram no actual contexto da ideografia dinâmica e das escritas digitais, propõe-se com este texto uma avaliação das recorrências que uma escrita combinatória de cariz computacional poderá sinalizar e problematizar, identificando passagens, diluindo fronteiras, reescrevendo o nosso entendimento dos ciclos.

**Palavras-chave:** oralidade, escrita, texto digital, combinatória.

**Abstract:** Starting from a reflection on the way by which the crossings between orality and writing are reconfigured with the current context of the dynamic ideographies of digital writing, this text proposes an evaluation of the recurrences that a combinatorial writing of computational nature can signalize and problematize, identifying passages, blurring boundaries, rewriting our understanding of the cycles.

**Keywords:** orality, writing, digital text, combinatorics.

Interrogações, provocações... eis o que vos posso trazer aqui. Admitindo que não sabia o que estava a descobrir quando escrevi este pequeno – e talvez insólito – texto... pergunto: seria amador a transformar-se na coisa amada, “com seu / feroz sorriso, os dentes, / as mãos que relampejam no escuro. (...) [Com] ruído / e silêncio”, como em Helder (1996: 12)? Ou estaria a desvendar os fins como nova metamorfose, e o texto programado e múltiplo com que trabalho como porta, solstício, passagem para um novo início? “O fim do princípio do fim de...”

A minha inquietação: estará todo o fim destinado a tornar-se um novo princípio? Estará em todo o alfa contido já o seu ómega? Mais: poderá a surpresa implícita na geração textual combinatória e aleatória romper esse círculo/ciclo?

Como proceder através da investigação criativa? Primeiro, programa-se um texto, acrescenta-se um léxico, afinam-se os algoritmos gerativos: “o fim do mundo é o princípio da poesia”... Esse texto virtual, o qual inclui potencialmente triliões de textos possíveis, aparecerá (entre aspas) nos interstícios do texto articulado, estando disponível em <http://telepoesis.net/fimdomundo>.

Deixa-se o programa em modo de leitura infinita e a partir desse texto virtual a máquina devolve-nos a inquietação imaginada: “a origem do tempo é o óbito do universo”; “a morte da beleza não é o perecimento da terra, mas o declínio do encanto na aurora da infância”; “o prólogo da humanidade é o nascimento do firmamento e a agonia do cosmos”.

E como organizar e estruturar uma reflexão sustentada sobre “o fim do mundo” a partir deste programa? Sem querer abordar o assunto da escrita digital como o fim da literatura, como pretendia Kittler (1999: 130, 247), preferi indagar o eterno retorno de oralidade e da escrita no texto digital. E ainda: ao invés de uma abordagem dicotômica (o fim *disto* é o princípio *daquilo*) optar por um acaso triangular, múltiplo, imitando, expandindo na melhor das hipóteses, a proposta de Pierre Lévy (2004: 127): transitando entre a oralidade que regressa e a escrita que perdura, a ideografia dinâmica integra ou desestrutura as anteriores. Junte-se a isto o jogo intertextual, a leitura do mundo, a simbologia das passagens e dos ciclos: a liberdade.

## 1. Círculo, oralidade

Alberto Pimenta, numa tonalidade sensível (sensual, humorística) certamente diferente da minha, dizia no seu poema erótico “Alfa e Ómega”:

tudo começa onde começa tudo o que em ti começa,

isto é, na origem, onde o tempo digamos entra e

sai (...) aí onde tudo começa por começar, aí mesmo, onde tudo começa e acaba, ou seja, aí mesmo. (Pimenta 1990: 193).

Os ciclos, aqui em celebração, os ciclos inscrevem, situam ou mobilizam o corpo-natureza que habitamos? Haverá o fora dos ciclos?

Uma primeira abordagem, para quem, como eu, procura pensar a partir da poesia, é olhar o imaginário do fim do mundo como morte e transfiguração: “a origem do homem não é o ómega da poesia”; ou: “a abertura da poesia é o berço do cosmos”.

A oralidade metamorfoseia-se, insinua-se e expande-se na escrita. O círculo mostra-se linha.

No entanto, de que ciclo (transição, passagem) poderemos falar na passagem da escrita para as tecnologias digitais de inscrição efémera, das ideografias dinâmicas e heterogêneas em rede, do invisível (etéreo e efêmero) do texto em computador?

Três imagens, portanto, três símbolos, três figuras: círculo, linha, ponto (Lévy 2004: 127). Corresponderão a estas figuras outros modos (únicos, exclusivos, redutores) de pensar as transferências, as passagens?

Oralidade, escrita, nuvem: “o fim da oralidade é o princípio da escrita”; “o fim da escrita é o princípio da nuvem”; “o fim da nuvem é o princípio da oralidade” – seus contrários, suas negações.

Manuel António Pina nos salve, pelo título do seu primeiro livro de poesia: “Ainda não é o fim nem o princípio do mundo calma é apenas um pouco tarde” (1974).

Tarde de mais para Augusto dos Anjos, que em “O Lázaro da pátria”, inquieto, escrevia:

Há um cansaço no Cosmos... Anotece,

Riem as meretrizes no Casino,

E o Lázaro caminha em seu destino

Para um fim que ele mesmo desconhece! (1912)

E o desconhecido desenha-se nos ciclos programados: “a gênese da exuberância é a raiz da crueldade”; ou: “a finalidade da sociedade não é o aniquilamento do desejo nem

o objectivo do desejo é o declínio do espaço”; ou ainda: “a semente do homem não é a morte da sedução”.

Recortemos um fragmento da cultura popular, extraído de uma novela gráfica, na qual se sinalizam constelações de mitos que enredam esta questão do fim, do princípio... Falemos de Sonho, *Dream of the Endless*, Morpheus, Oneiros e Kai'ckul, o Senhor dos Sonhos e das Mutações (o *Lord Shaper*), o Príncipe das Histórias.

Usemos esta personificação antropomórfica do Sonho e do Sonhar, destacando-o entre os vários Perpétuos criados por Neil Gaiman (os *Endless*, todos em D), seus *siblings*: Destino, Morte (*Death*), Desejo/Desespero (gémeos), Destruição, Delírio (outroa Deleite). Sonho, Morpheus, pai de Orfeu...

Numa estória publicada no arco intitulado *A Hope in Hell* (Gaiman 1993), Sonho desce aos Infernos. Sonho perdeu os seus utensílios mágicos, os seus objectos de poder: um elmo (capacete com função de coroa), a algibeira (saco com areia do sono) e um rubi (essência de seus poderes). O objecto mais difícil de recuperar era o elmo, no Inferno. Conduzido pelo demónio Etrigan a Dis, onde se encontra o palácio de Lucifer Morningstar, Sonho fica a saber que o Inferno já não é uma Monarquia, mas antes um triunvirato, chefiado por Lucifer, Azazel e Beelzebub: “o primórdio do firmamento é o prelúdio da crueldade”?

Lucifer invoca os demónios do Inferno, e assim se encontra Choronzon, o novo dono do elmo. Justamente adquirido, argumenta o demónio, por isso desafiando Sonho para um duelo, um concurso de inteligência, tendo a própria realidade como campo de luta. Leia-se: “o fim do planeta é o advento da inspiração”; “a fundação da beleza é a lei do homem”.

Objectivo do jogo: imaginar a identidade de um objecto ou animal e usar as suas propriedades para destruir o do inimigo: “a conclusão da sedução não é o início da beleza”.

Choronzon inicia o jogo: “Eu sou um terrível lobo, a perseguir a sua presa, predador letal”, ao que Morpheus responde: “Eu sou um caçador, montado num cavalo, esfaqueando o lobo.” (Gaiman 1993: 123).

Morte, aqui, logo se torna razão para uma nova vida. Há sempre uma força maior que surge. Assim: “a semente da literatura não é a destruição do desejo”; “o prólogo do

mundo é o motor do mar”; “o ocaso do fascínio é a morte do povo”; “o berço da raça humana é o declínio do firmamento”.

“Ceci tuera cela”, diz Claude Frollo perante a Notre-Dame de Paris (Hugo 1831), tocando um livro e olhando para a catedral. “O fim da catedral é o princípio do livro” e “o início da poesia não é a conclusão da crueldade” nem “a decadência do homem é o início da literatura ou a semente da poesia ou o falecimento do mundo”.

Mas a luta continua, Choronzon, Morpheus: “Eu sou um moscardo, uma mosca varejeira, picando o cavalo, derrubando o caçador”, contra: “Eu sou uma aranha, comedora de moscas, com oito patas” (*ibidem*). Ou ainda Choronzon: “Eu sou uma cobra, devoradora de aranhas, dentada venenosa”, contra “Eu sou um boi, esmagador de cobras, pesados pés”. E ainda: “Eu sou o antrax, bactéria carniceira, destruidora da vida quente”, ao que Sandman responde: “Eu sou um mundo, flutuando no espaço, gerando nova vida”. Choronzon: “Eu sou uma nova, explodindo tudo... cremadora de planetas” (*idem*: 124), contra “[e]u sou o universo – todas as coisas englobando, abraçando toda a vida” (*idem*: 125).

“Ceci tuera cela”; “o fim disto é o princípio daquilo”.

Choronzon pára, perante o universo, mas avança, confiante: “Eu sou a Anti-Vida, a Besta do Juízo Final. Eu sou o escuro no final de tudo. O fim dos universos, dos deuses, dos mundos... de tudo. Sss. E o que serás tu, Senhor dos Sonhos?” (*ibidem*).

Ao que Morpheus responde: “Eu sou a esperança.”

*I am hope.* A esperança. A esperança sobrevivendo a toda a destruição.

Lucifer é orgulhoso, Lucifer Estrela da Manhã não gosta de ser humilhado, e insinua que os demónios não deixarão Sonho sair do Inferno: os Sonhos não têm poder no Inferno.

Mas Morpheus é o Senhor das Histórias, conhece os Ciclos, responde: “Que poder teria o Inferno, se aqueles que aqui estão presos não pudessem sonhar com o Céu?” (*idem*: 128).

A passagem (circular, anelar, cíclica): a passagem como descoberta. Descobrir é colocar-se face ao desconhecido.

Para Pessoa, no fim do mar está o mostrengo... e “O mar sem fim é português”. Mais, em “O Infante”, lê-se: “E a orla branca foi de ilha em continente, / Clareou,

correndo, até ao fim do mundo, / E viu-se a terra inteira, de repente, / Surgir, redonda, do azul profundo” (Pessoa 1934: 57).

Já Virilio vê o azul como fronteira, “espessura óptica da atmosfera, a grande lente do globo terrestre, a sua retina brilhante (...) separa[ndo] a transparência da opacidade” (2000: 21).

Nascimento pela morte: e por isso Buda, o Acordado, é representado, em alguns rituais iniciáticos, como a morte, a morte como viagem para o renascimento (Chevalier 2010).

Círculo, oralidade: do espaço partilhado, da ausência de inscrição. A escrita será, depois disso: linha, rasura, percurso, árvore; e o ideograma dinâmico, na nuvem simulado: o ponto, o rizoma caótico, fractal.

Mas o ponto contém o círculo? É círculo?

“E no fim era o verbo” foi o título dado por Américo Rodrigues a uma performance que fez em 24 de Fevereiro de 2016 no Salão Brazil, em Coimbra. No resumo da sua intervenção, lia-se:

No início era a própria respiração. No início não era o verbo, era a respiração, o vento que circulava dentro dos corpos, o sopro mágico. No início, era o ar. O ar que mantinha o corpo, um corpo feito de ar e sangue. O ar é como o sangue, os dois essenciais. (Rodrigues 2016)

O grão da voz, o grão de linguagem. Ovo, início e fim. A tradição à espera de uma nova morte, à espera de se transfigurar em algo novo. Uma morte como regeneração de forças vitais.

Como Helder, transformando Brandão: “É preciso matar os mortos, / outra vez, / os mortos” (1996: 292).

Tudo é sempre uma outra coisa maior. “Rose is a rose is a rose is a rose”, como dizia Gertrude Stein (1993: 187). Estruturas mínimas e repetitivas gerando a diferença, fazendo deferência à iteração. Rosas ou flores de amendoeira, as dos renascimentos frágeis, mensagem da Primavera, levemente sensíveis à geada.

Borboletas em círculos (como as que andam à volta de Delírio, irmã do Sonho...), metamorfose-crisálida sonhando uma ressurreição. Como Falena, consumida pelo amor-viagem à volta da chama do fogo, queimando as asas em círculos (Chevalier 2010: 316).

Imortalidade, aliás, esse castigo. Que o diga Caim, o primeiro cultivador, o primeiro assassino, o primeiro errante, sozinho vagueando pelo mundo, sem poder morrer (*idem*: 143).

Talvez por isso Álvaro de Campos, em “No fim de tudo dormir”, mereça nova atenção:

No fim de tudo dormir.

No fim de quê?

No fim do que tudo parece ser...

Este pequeno universo provinciano entre os astros,

Esta aldeola do espaço,

E não só do espaço visível, mas até do espaço total. (Pessoa 1944: 88)

Os perpétuos recomeços do calendário, a Porta dos deuses (Solstício de Inverno) abrindo para a porta dos homens (Solstício de Verão). Brandão, ainda: “É uma voz – são muitas vozes. É um grito – são muitos gritos. – É o grito contido há milhares de anos, o grito dos mortos libertos” (1991: 42).

O que estava em baixo está agora por cima. O que está em baixo é uma imagem do que está em cima. Cascata, com seu movimento descendente alternando com o alto impassível do rochedo de onde cai a água (Chevalier 2010: 167, 177).

Uma cascata numa caverna: chãos-terra onde descansam os redentores, abóbodas-céu onde se projectam as imagens do cosmos.

## **2. Linha, Escrita**

E o círculo rompe-se, com a escrita. A linha é a escrita. A interacção dissocia-se de comunicação.

O princípio da escrita é o elogio do inscrito, o móbil do fixado, do imóvel. Uma Ordem e uma Ordenação. Falocêntrica (*antes fosse Falenocêntrica...*).

Ógmios, deus dos laços, vigia-nos aí. E escrita, entenda-se, contraditoriamente até, em oposição ao saber, ao mutável.

E por isso as Letras, essas partes do corpo (Chevalier 2010: 406). Letras alfabetos com força criadora, em ordenações que não pode o ser humano conhecer, porque não lhe foi dada a conhecer a sua ordem interna.

Poder demiúrgico do verbo. Entre a escrita e a nuvem vai estar o Golem, esse homem-robot criado por meios mágicos e artificiais, imitando o divino fogo de Prometeu, feito mudo porque os seus criadores não foram capazes de lhe dar a palavra. Voz Verbal Vocal.

Escrita, transmutação, alquimia. Como Teleutai, aquele que faz morrer para iniciar, para reiniciar, passagem de uma porta para outro lugar.

Esperança, diz Sonho no Inferno, acreditando na roda, na perfeição dos círculos, dos recomeços.

Uroboro. Serpente que morde a sua própria cauda, fechada sobre si própria, auto-fecundando-se, auto-mutilando-se (Chevalier 2010: 670). Uroboro serpente: linha fugidia. Uroboro linha: serpente fugidia.

Situados assim na escrita, na linha, façamos um segundo rasgo, outro atalho no percurso, lembrando a cena final de *Batman: The Killing Joke*, de Alan Moore.

Joker perseguido por Batman. Joker fugindo (até ao fim), resistindo (até ao fim) e, quando impossibilitado de continuar a fugir e/ou a resistir, posto na encruzilhada final, conta a Batman uma anedota, uma anedota acerca das linhas (ilusórias?) da escrita:

Tás a ver, havia estes dois tipos num hospício... e uma noite, uma noite eles decidem que já não gostam de viver num asilo. Eles decidem que vão escapar! Então, tipo, eles sobem para o telhado, e ali, mesmo ao lado de uma fenda estreita, eles vêem os telhados da cidade, estendendo-se à luz da lua... estendendo-se para a liberdade. Agora, o primeiro tipo, ele salta a fenda sem problema. Mas o seu amigo, o seu amigo não se atreveu a dar o salto. É que tás a ver, tás a ver... ele tem medo de cair. Então, o primeiro tipo tem uma idéia... Ele diz: "Ei! Eu tenho a minha lanterna comigo! Vou acendê-la ao longo da fenda entre os prédios. Poderás caminhar ao longo do raio da luz e juntas-te a mim!" M-mas o segundo tipo só abana a cabeça. Ele d-d-diz... Ele diz: "O-o q-quê? Achas que eu sou Louco? Tu desligarias a luz quando eu estivesse a meio do caminho!" (Moore 1988: s.p.)

Portanto, já se vê, a linha que separa a loucura da sanidade, a vida da morte, é a mesma linha ténue, inventada, uma mesma linha invisível que separa os ciclos.

Joker, claro, traz consigo a folia, o Carnaval, enunciando já uma outra passagem, uma outra viagem: a celebração colectiva, dialogante, invertendo hierarquias, aceitando contradições, integrando opostos, profanando e dessacralizando, resistindo à unificação. Resistindo à escrita. Resistindo à escrita?

O salto e o voo dos “tipos” loucos da anedota de Joker ultrapassam a gravidade. Paul Virilio, de novo: “Da matéria-terra ao espaço-luz vai apenas um passo, o do salto ou o do voo, capazes de num instante nos libertarem da gravidade” (2000: 21).

A Linha, (a escrita?), sem princípio nem fim: vislumbramos a parte presente, manifesta; mas imaginamos sempre, *ad infinitum*, a sua metamorfose, o seu princípio e o seu fim. Serpente-uroboro é também rasto no chão, linha sinuosa que marca o indiferenciado primordial, reservatório das latências, do virtual.

E o Círculo é uma linha. Não morre a oralidade com a escrita. Não morre a escrita com a ideografia dinâmica, com o cibertexto. São uma outra coisa. Helder: “Eu procuro dizer como tudo é outra coisa” (1990: 98).

Ou: “o fim do mundo é o princípio da poesia”; “a origem do mar não é o intuito da graça”; “o prelúdio do fascínio não é o germen do encanto”.

### 3. Ponto, Nuvem

Poesia dialogando entre os ciclos em que se inscreve. Poesia na dobra, reconhecimento: “o prelúdio do homem não é a decadência do firmamento”; nem “a regra da terra é o advento da inspiração ou o primórdio da raça humana”.

O regresso do Impermanente. Círculo feito ponto, voz primordial. Voz Crepúsculo: recomeço, instante suspenso. A morte de um anunciando o outro. Crepúsculo: imagem da hora da melancolia e da nostalgia (Chevalier 2010: 239).

*Ceci tuera cela.*

Uma nova literatura (o fim da literatura?) – como tradução, transposição, intersemiose, alargando fronteiras.

Julio Cortazar: “Para qué sirve um escritor si no para destruir la literatura?” (2004: 463).

Esperança, linha invisível e sutil que atravessa a loucura, heteroglossia, como e com o dialogismo implícito da própria textualidade. Colaboração, participação, consciente de que não há, verdadeiramente, uma voz única, una, identificável, sequer.

Uma visão dinâmica da linguagem como princípio de uma nova gênese.

Kittler, na sua arqueologia dos média, avisava: as redes de fibra óptica, através das quais as pessoas estarão ligadas aos canais de comunicação, usados agora por cada e qualquer meio, significam um princípio na história ou um fim da história (“for the first time in history or for its end”), porque algo, antes do fim, está a chegar ao fim. Apaga-se a diferença entre os meios, entre as linguagens, reduzidas a um mero efeito de superfície (Kittler 1999: 1).

O fim da memória: esse o fim do mundo que aqui se celebra?

Encontrar, por isso, os traços da presença d(o espectro d)a literatura no discurso da, e sobre a, tecnologia, e vice-versa, passa a ser o nosso trabalho.

A metodologia crítica a usar é a da Paranoia (“O-o q-que? Achas que eu sou Louco? Tu desligarias a luz quando eu estivesse a meio do caminho!”, conforme o Joker). Uma ciência forense para a escrita.

O princípio de algo é sempre o fim de uma outra coisa, e por isso estamos sempre em fronteira, testando as passagens, atravessando túneis. Estamos sempre situados num horizonte: “a inauguração do mundo não é a raiz do tempo”; “o óbito da humanidade não é a semente da terra”.

A Escrita digital, convergência do círculo e da linha no ponto, oralidade e escrita re-encontradas, é um Sinal dessa passagem: do ritual (oralidade, sincretismo) para a teoria (escrita, inscrição). E daqui para a simulação, agora. Agora? “O motor do planeta é o motor da espiritualidade”; “o ómega da literatura é o motivo da poesia”.

Ponto. Sequência discreta. Fim da escrita, fim do literário, fim do fixo. Tudo sujeito a numerização e quantificação: “o aniquilamento do universo é finalidade da raça humana”.

Por isso, estar no Horizonte é entender o que limita o pano celeste (Virilio 2000), o que circunscreve e anula a nossa visão do além, o que se interpõe como fronteira, a saltar, a saltar da “aldeola do espaço”... (Pessoa 1944: 88).

Esperança, caminho do Arco-íris: mediação entre o céu e a terra, ponte entre mundos, escada, caminho dos mortos / ascensão dos vivos. Porta dos deuses, porta dos homens (Chevalier 2010: 83-84).

É estar em transição, vestindo a roupa do louco, seu colete de forças. Em “Partitura do Maquinim”, Salette Tavares: “Eu visto o que vesti ao manequim / sou poeta que mente o que se sente / e de só fico contente quando visto / aquilo que se ri atrás de mim. // Manequim do meu amor como te vejo / todo de cera e sedas emprestadas / em meu desejo sou eu que de manejo / em não, em flor / em tempestade e nadas.” (1965, s.p.).

### **Concluindo (em modo Manifesto)**

Uma poesia dinâmica e em rede, aberta e programada, fim do ciclo do literário (não necessariamente da literatura): informada por diferentes convenções: mistura híbrida de formas estéticas (página, moldura, pontos de vista móveis) e tecnologia (interface, indexação, geratividade): “o fim da página não é o princípio da indexação”; “o princípio da moldura é o fim da interface”.

No cibertexto, no ponto, ainda a memória do círculo/ciclo, e da linha: uma “visão” que se materializa/naturaliza no computador.

Poesia algorítmica, programável, modular, composta de elementos discretos, desautomatizando as operações de criação, acesso, manipulação.

Poesia variável. Não fixa, não permanente, em versão potencialmente infinita: poesia trovadoresca, poesia performativa.

Poética do heterogéneo: caminho, pelos nós de uma rede contendo outras redes compostas de outros nós e conexões, poesia fractal.

Uma poesia com um caminho a percorrer, do literário para o performativo: “O fim do literário é o princípio do performativo?”.

## Bibliografia

Anjos, Augusto dos (1912), *Eu*, Rio de Janeiro, s.n.

Brandão, Raul (1921), *Húmus*, 2ª ed, Lisboa, Aillaud & Bertrand.

-- (1991), *Húmus*, Lisboa, Vega.

Chevalier, Jean / A. Gheerbrant (2010), *Dicionários dos símbolos*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa, Teorema.

Cortázar, Julio (2004), *Rayuela*, Caracas, Fundacion Biblioteca Ayacuch.

Gaiman, Neil (1993), *A Hope in Hell, The Sandman, volume 1: Preludes & Nocturnes*, Nova Iorque, DC Comics/Vertigo.

Helder, Herberto (1996), *Poesia Toda*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Hugo, Victor (1831), *Notre-Dame de Paris*, Paris, s.n.

Kittler, Friedrich (1999), *Gramophone, Film, Typewriter*, trad. Geoffrey Winthrop-Young & Michael Wutz, Stanford, Stanford U P.

Lévy, Pierre (2004), *As Tecnologias da Inteligência*, São Paulo, Editora 34.

Moore, Alan (1988), *Batman: The Killing Joke*, Nova Iorque, DC Comics.

Pessoa, Fernando (1934), *Mensagem*, Lisboa, António Maria Pereira.

-- (1944), *Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Ática.

Pimenta, Alberto (1990), *Obra Quase Incompleta*, Lisboa, Fenda.

Pina, Manuel António (1974), *Ainda Não É o Fim nem o Princípio do Mundo Calma É Apenas um Pouco Tarde*, Porto, A Regra do Jogo.

Rodrigues, Américo (2016), "E no fim era o verbo", <<http://www.po-ex.net/noticias/performances-e-intervencoes/masterclass-e-performance-de-americ-rodrigues-salao-brazil-coimbra-23-e-24-02-2016>> (último acesso em 11/01/2017).

Stein, Gertrude (1993), "Sacred Emily", *Geography and Plays*, Madison, University of Wisconsin Press.

Tavares, Salette (1965), “Partitura do maquinim”, *Visopoemas* [catálogo da exposição], Lisboa, Galeria Divulgação.

Virilio, Paul (2000), *A Velocidade de Libertação*, trad. Edmundo Cordeiro, Lisboa, Relógio d’Água.

**Rui Torres** nasceu no Porto em 1973. É doutorado em Literatura Luso-brasileira pela Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill (EUA – 2002) e Pós-doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil – 2007). Professor Associado com Agregação na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto, tem livros, artigos e outros textos publicados sobre literatura, comunicação e cibertextualidades. É coordenador do Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa e membro do Board of Directors da Electronic Literature Organization.